



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

PATRIARCADO E DESINFORMAÇÃO NA REGULAÇÃO DAS FAMÍLIAS: ANÁLISE DAS CARTILHAS DO DIVÓRCIO PARA OS PAIS E PARA FILHOS ADOLESCENTES

Eixo Temático 29 – O PATRIARCADO NO CAPITALISMO E USO DA VIOLÊNCIA NO CONTROLE DOS CORPOS DAS MULHERES

Juliana Maria Lanzarini¹
Flávia Guterman Soares²

RESUMO

Este trabalho buscou confrontar a “Cartilha do Divórcio Para os Pais” e a “Cartilha do Divórcio para Filhos Adolescentes”, disponíveis no site do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, com informações oficiais, entre as quais pode-se destacar a Pesquisa de Estatísticas do Registro Civil, referente ao ano de 2022, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, e o Painel de Estatísticas do Poder Judiciário do Conselho Nacional de Justiça. Além disso, a análise do material considerou aspectos abordados pelas teóricas feministas marxistas Sílvia Federici e Lise Vogel, cujos conceitos sobre patriarcado e capitalismo explicitam argumentações essenciais para esclarecer as problemáticas observadas no material: seu viés e aspectos ideológicos. Assim, foi possível notar que, além da constatação inicial de desinformação presente nos materiais, os textos ignoraram, entre outros, aspectos fundamentais relacionados à maternidade tais como a feminilização da pobreza, os índices de feminicídio de mulheres mães, o peso do trabalho doméstico e de reprodução da vida, assim como os dados sobre abuso infantil. Ignora, portanto, os problemas de base material relacionados à maternidade. Por fim, as cartilhas naturalizaram a estrutura familiar patriarcal, definindo família sob um viés sexista e heteronormativo, desconsiderando mães solo, parentalidade homoafetiva e outras formas de estruturas parentais

Palavras-chave: Divórcio, Família, Patriarcado, Desinformação, Feminismo.

Introdução

Sabe-se que a confiabilidade das informações está diretamente relacionada às ideias de prestígio, respeito, reputação, autor ou instituição (Paim, Nehmy e Guimarães, 1996) e depende da forma como o leitor percebe a autoridade e a confiabilidade da fonte (Harris,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, jmlanzarini@gmail.com;

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, flaflags@gmail.com.



1997). Também é sabido que a interação dos jornalistas com suas fontes é central para a produção jornalística (Fischer, 2018), envolvendo conflitos e acordos (Chaparro, 2001) e que os dados das fontes oficiais são tomados por verdadeiros (Lage, 2009). Além disso, as transformações tecnológicas têm moldado a forma como nos conectamos com os outros (Walther, 2024), produzindo efeitos entre os quais a formação de redes de disseminação de desinformação (Recuero, 2017), o enxugamento das redações (Ratier, 2015) e a emergência do fenômeno do jornalismo declaratório que toma as declarações das fontes como se fossem fatos em si (Gomes, 2009; Sponholz, 2009). Tudo isso mostra o impacto das informações oficiais e especializadas que circulam na sociedade, o que exige uma análise crítica e ampliada. Nesse sentido, é fundamental questionar em que medida tais informações oficiais colaboram para a perpetuação de valores mais ou menos conservadores ao longo do tempo. Esta pesquisa visa descrever e analisar duas cartilhas disponíveis no sítio eletrônico do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ): a “Cartilha do Divórcio para os Pais” e “Cartilha do Divórcio para Filhos Adolescentes”, publicadas em 2015, fim de compreender os quadros discursivos que moldam a percepção social em torno de três conceitos: maternidade, família e alienação parental (AP).

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa e crítica, com o objetivo de desenvolver uma metodologia própria, ancorada na articulação entre o feminismo marxista e a teoria bakhtiniana da linguagem. O corpus empírico é composto pelas cartilhas institucionais “Cartilha do Divórcio para os Pais” e “Cartilha do Divórcio para Filhos Adolescentes”, ambas elaboradas pela Escola Nacional de Mediação e Conciliação e disponibilizadas no sítio eletrônico do TJRJ.

A análise parte dos conceitos de polifonia (Bakthin, 1929a), discurso dialogado (Bakthin, 1929b) e carnavalização (Bakthin, 1929b), centrais para as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin³ e elaborados como ferramentas para tensionar as vozes que circulam — e as que são silenciadas — nos materiais examinados na medida em que, conforme Bakhtin

³ Grupo de intelectuais que incluía pessoas de diversas formações, entre os quais Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev.



(1919/1921), a “melhor maneira de clarificar a disposição arquitetônica do mundo na visão estética em torno de um centro de valores, isto é, o ser humano mortal, é apresentar uma análise de forma-e-conteúdo de alguma obra particular”. A polifonia permite identificar a presença (ou ausência) de múltiplos sujeitos sociais nos enunciados, evidenciando como determinados pontos de vista ganham legitimidade enquanto outros são excluídos. O discurso dialogado, ou dialogismo, orienta a leitura dos textos como construções relacionais, atravessadas por embates entre visões de mundo, e não como discursos fechados em si mesmos. Já a carnavalização oferece uma chave analítica para pensar possíveis inversões simbólicas, tensões normativas, a “polêmica aberta e velada” (Bakhtin, 1929b), e resistências latentes nos modos de representar família, cuidado e parentalidade.

Nesta análise, os conceitos bakhtinianos foram articulados com a teoria feminista marxista, destacando a crítica à invisibilização do trabalho reprodutivo das mulheres e à naturalização das desigualdades de gênero, classe e raça. Esses aspectos estruturais influenciam diretamente as dinâmicas sociais associadas às rupturas das relações de afeto. O estudo também inclui o cruzamento entre os enunciados presentes nas cartilhas e os dados estatísticos oficiais (IBGE, CNJ e Fórum Brasileiro de Segurança Pública), com o objetivo de confrontar os discursos institucionais e a realidade parental no contexto social brasileiro.

Com essa proposta metodológica, buscou-se evidenciar como as cartilhas analisadas constroem um modelo idealizado e homogêneo de família, sustentado por vozes autorizadas e por normas sociais binárias e heteronormativas. A articulação entre os conceitos de polifonia, dialogismo e carnavalização, em diálogo com o feminismo marxista, permite identificar os conflitos soterrados, as exclusões simbólicas e as hierarquias implícitas nos materiais institucionais. O estudo se orienta, assim, pela problematização das formas pelas quais a linguagem opera apagamentos e universalizações, contribuindo para a legitimação de desigualdades estruturais sob a aparência de neutralidade institucional.

Referencial teórico

Como arcabouço teórico apoiador à análise, utilizou-se a crítica feminista marxista, especialmente nas formulações de Silvia Federici e Lise Vogel. A partir das teorias, objetivou-se evidenciar como tais cartilhas reforçam uma concepção heteronormativa e patriarcal de família e silenciam aspectos da realidade da vida fundamentais que atravessam a



experiência da maternidade no contexto do rompimento das relações afetivas. Além disso, recorreu-se aos conceitos de polifonia, dialogismo e carnavalização, de Mikhail Bakhtin, para aprofundar a análise dos enunciados e suas estratégias simbólicas. Esses conceitos permitem evidenciar a multiplicidade (ou ausência) de vozes, os embates ideológicos silenciados e os modos como a linguagem institucional neutraliza conflitos e naturaliza hierarquias sociais. A articulação entre Bakhtin e o feminismo marxista possibilita, assim, problematizar tanto os apagamentos materiais quanto os mecanismos discursivos de legitimação da ordem patriarcal.

Federici (2017) destaca a historicidade da dominação patriarcal, especialmente a partir da acumulação primitiva e da caça às bruxas, argumentando que o capitalismo se apropriou do patriarcado como estratégia de controle e exploração. Já Vogel (2022) propõe uma teoria unitária, na qual patriarcado e capitalismo operam de forma indissociável na reprodução social. Ao articular essas perspectivas com a perspectiva bakhtiniana, compreende-se que tal dominação não se restringe ao plano material, mas também por meio da linguagem, que reproduz e legitima essas hierarquias. O simbólico torna-se fundamental para compreender as problemáticas ideológicas que atravessam os materiais analisados, pois é justamente nele que se constroem e se naturalizam as representações excludentes no contexto do divórcio e da parentalidade.

Este referencial é ainda ampliado pelas contribuições de Angela Davis, Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser, que introduzem a crítica interseccional às dinâmicas de raça, classe e colonialidade, enfatizando, por exemplo, a forma como mulheres racializadas são desproporcionalmente afetadas pela precarização do trabalho reprodutivo. Esse arcabouço teórico permite evidenciar os silenciamentos e apagamentos produzidos pelas cartilhas analisadas, revelando seu papel na legitimação de uma concepção hegemônica e excludente de família e cuidado.

Resultados e Discussão

A primeira constatação que se impõe é a ausência, nos materiais analisados, de dados precisos sobre a realidade socioeconômica das famílias brasileiras. Considera-se o divórcio como central, ignorando-se as situações em que os filhos são gerados fora do casamento. Omite-se temas como a feminilização da pobreza, o feminicídio — especialmente contra mulheres mães —, a sobrecarga do trabalho de cuidado sobre as mulheres e a violência



infantil. Normaliza-se o compartilhamento da guarda, por meio da “parentalidade paralela” mesmo em situações em que os pais tenham “se envolvido em agressões físicas ou verbais”. Isso revela uma construção ideológica que dissocia a parentalidade de suas determinações materiais, restringindo-o a uma abordagem normativo-afetiva centrada na imposição da “boa convivência” entre os genitores. Por fim, percebe-se que, em certa medida, o texto guarda um caráter identitário, uma vez que extrai-se da linguagem empregada e das categorias familiares elencadas que o texto foi escrito a partir da perspectiva do homem cis para homens cis.

À luz da teoria feminista marxista, a omissão e as escolhas feitas não foram acidentais. Como afirmam Silvia Federici (2017) e Lise Vogel (2022), o trabalho reprodutivo — incluindo o cuidado com filhos — é central à reprodução do capitalismo. Federici aponta que o sistema apropriou-se de uma nova ordem patriarcal, reforçando a divisão sexual do trabalho sob a retórica do amor maternal. Vogel, por sua vez, demonstra que o isolamento das mulheres na esfera reprodutiva não é resquício histórico, mas mecanismo funcional da acumulação capitalista.

Sob a ótica bakhtiniana, os enunciados das cartilhas se organizam a partir de uma polifonia restrita, na qual apenas vozes normativas e institucionalizadas têm espaço. As experiências das mulheres — sobretudo as mais vulnerabilizadas — são silenciadas ou colocadas em posição subalterna. O dialogismo, que supõe o embate entre diferentes visões de mundo, é esvaziado em nome de uma narrativa homogênea e conciliadora. Já a carnavalização, entendida como possibilidade de inversão simbólica e crítica à ordem estabelecida, é neutralizada pelo discurso institucional, que reafirma a norma em vez de abrir espaço para sentidos alternativos sobre família, cuidado e parentalidade.

As cartilhas reiteram esse paradigma ao ignorarem o trabalho reprodutivo como trabalho, idealizando uma “coparentalidade” simétrica que não se verifica na prática. Ainda que mencionem responsabilidades compartilhadas, ignoram dados do IBGE que indicam que a maioria das mulheres assume sozinha a criação dos filhos após o divórcio — muitas vezes acumulando essa função com o trabalho remunerado e em condições de precarização. Trata-se de uma falsa simetria que oculta desigualdades estruturais.

Ao reafirmarem uma concepção heteronormativa de família — baseada no casamento entre homem e mulher e na complementaridade entre mãe e pai —, as cartilhas excluem arranjos legítimos como mães solo, famílias homoafetivas e redes ampliadas de cuidado. Essa



normatividade está alinhada à crítica de Federici (2019), que denuncia a tríade casa, casamento e feminilidade como base da sujeição feminina.

Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019) argumentam que a expropriação racializada e de gênero é parte constitutiva da reprodução do capital. Nesse sentido, as cartilhas ignoram as condições de mulheres negras, periféricas e trabalhadoras, que enfrentam jornadas múltiplas e ocupam posições precarizadas no setor de cuidados. Como aponta Davis (2016), essas mulheres arcam com uma “dupla jornada” que, sob o neoliberalismo, se intensifica. O cuidado, nesse contexto, é ainda mais penoso e desigualmente distribuído.

Os textos analisados reforçam esse processo na medida em que reproduzem o que Bakhtin (1919/2021) chamou de “cisão entre o conteúdo ou sentido de um dado ato-atividade, e a realidade histórica do seu ser, a real e única experiência dele”, ou seja, uma separação entre o mundo da teoria e o mundo da vida. Como resultado, como dois mundos se confrontam, dois mundos que não têm absolutamente comunicação um com o outro e que são mutuamente impenetráveis: o mundo da cartilha e o mundo das famílias brasileiras, inviabilizando-se dessa forma a realidade das mulheres e o papel ideológico da família nuclear como engrenagem de reprodução das desigualdades — uma invisibilização que opera tanto no plano econômico quanto simbólico, sustentada por um discurso monológico, excludente e aparentemente neutro.

Conclusão

Conclui-se que as cartilhas institucionais do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro analisadas não se limitam a fornecer orientações neutras ou normativas sobre a parentalidade de casais separados. Elas operam como enunciados que estabelecem relações de sentido profundamente alinhadas a valores patriarcais e ideologias que naturalizam desigualdades sociais. Funcionam assim como instrumentos de reprodução ideológica, enraizados em normas que perpetuam essas desigualdades. Ao adotar uma linguagem aparentemente neutra, mascaram a reprodução de normas sociais e ocultam desigualdades estruturais. De maneira implícita e indireta, continuam delegando às mulheres a responsabilidade pelo cuidado, criação, estabilidade emocional e material dos filhos após a separação conjugal sem, no entanto, reconhecer o valor do trabalho associado a essas atividades e sua importância para a manutenção do capitalismo. Dessa forma, ignoram os determinantes materiais da vida



cotidiana dessas mulheres, como a sobrecarga do trabalho reprodutivo, a precariedade econômica, a violência de gênero e a dificuldade em comprovar abusos cometidos contra seus filhos — elementos cruciais para compreender as dinâmicas familiares no Brasil contemporâneo.

Referências

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**: Um manifesto. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo, Boitempo, 2019.

BAKHTIN, Mikhail M. *K filosofii postupka* [**Para uma filosofia do ato**]. Escrito originalmente entre 1919 e 1921, publicado postumamente em russo em 1986. Tradução para o português de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2ª ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

_____. *Marksizm i Filosofiya Yazyka* [**Marxismo e Filosofia da Linguagem**]. Escrito originalmente em russo em 1929a. Tradução para o português de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. *Problemy Poetiki Dostoevskogo* [**Problemas da Poética de Dostoiévski**]. Escrito originalmente em russo em 1929b e revisado em 1963. Tradução para o português de Paulo Bezerra. 5ª ed. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: Mulheres, Corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

_____. **O ponto zero da revolução**: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Cartilha do divórcio para os filhos adolescentes**. Brasília: ENAM, 2013. Disponível em: <https://www.tjrj.jus.br/documents/10136/7883911/cartilha-divorcio-filhos-adolescentes.pdf/8d29eeb1-43b4-812e-099d-9410f1dc972c?version=1.0>. Acesso em: 16 abr. 2025.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Cartilha do divórcio para os pais**. Brasília: ENAM, 2013. Disponível em: https://www.tjrj.jus.br/documents/5736540/6207821/Cartilha%20do%20Div%C3%B3rcio_pais%20.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.

VOGEL, Lise. **Marxismo e opressão às mulheres**: rumo a uma teoria unitária. Tradução Grupo de Estudos TRS. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

CHAPARRO, M. (2001). **Conflitos e acordos na prática jornalística**. São Paulo: Edusp.

FISCHER, T. (2018). **A interação jornalista-fonte na produção da notícia**. Rio de Janeiro: PUC-Rio.

GOMES, W. (2009). **Jornalismo declaratório: desafios da produção jornalística na era digital**. Belo Horizonte: Editora Autêntica.



HARRIS, M. (1997). **Reliable Sources: How Credibility Shapes the Reader's Perspective.** Journal of Communication Studies, 45(3), 56–72.

LAGE, N. (2009). **Fontes oficiais e a construção da verdade jornalística.** São Paulo: Contexto.

PAIM, I., Nehmy, R., & Guimarães, V. (1996). **Prestígio e reputação na confiabilidade das informações.** Belo Horizonte: UFMG Press.

RATIER, M. (2015). **Impactos das transformações tecnológicas nas redações jornalísticas.** Brasília: UnB.

RECUERO, R. (2017). **Redes de desinformação: dinâmicas sociais e tecnológicas.** São Paulo: Blucher.

SPONHOLZ, L. (2009). **A declaração como fato: a lógica do jornalismo declaratório.** Florianópolis: Editora Insular.

WALTHER, J. (2024). **Technological Shifts and Social Connectivity.** Cambridge: MIT Press.